



# O ENSINO MILITAR EM AUTOPERCEPÇÃO: COMPREENSÕES DO CORPO DOCENTE, DIRETIVO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA TIRADENTES

## LA ENSEÑANZA MILITAR EN LA AUTOPERCEPCIÓN: ENTENDIMIENTOS DEL PROFESORADO, DIRECTORY COORDINACIÓN PEDAGÓGICA DE UN COLEGIO DE TIRADENTES

### Resumo

O presente artigo se localiza nos debates da Sociologia da Educação onde objetiva-se compreender o ensino militar partindo de uma perspectiva metodológica qualitativa, analisando a compreensão de docentes, coordenação pedagógica e direção acerca da escola militar. Para tanto, lançou-se mão da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim (1967), da fenomenologia social de Alfred Schutz (2012), além da contribuição da noção bourdieusiana de habitus (2012). Tomando-se como estudo de caso uma escola militar da Rede Tiradentes da Brigada Militar, no Rio Grande do Sul, foram localizados quatro focos narrativos que aparecem na fala dos entrevistados – corpo docente e coordenação pedagógica (civis), direção e vice-direção (militares) – como diferencial do ensino militar, sendo eles: a estrutura da escola, as características dos estudantes, a hierarquia e a disciplina.

**Palavras-chave:** Ensino Militar; Rede Tiradentes; Metodologias Qualitativas; Sociologia do Conhecimento; Escola Militar.

### Resumen

Este artículo se sitúa en los debates de la Sociología de la Educación donde el objetivo es comprender la educación militar desde una perspectiva metodológica cualitativa, analizando la comprensión de los profesores, la coordinación y la gestión pedagógica respecto a la escuela militar. Para ello se utilizó la sociología del conocimiento de Karl Mannheim (1967), de la fenomenología social de Alfred Schutz (2012), además del aporte de la noción bourdieusiana de habitus (2002). Tomando como estudio de caso una escuela militar de la Red Tiradentes de la Brigada Militar, en Rio Grande do Sul, se localizaron cuatro focos narrativos que aparecen en el discurso de los entrevistados - cuerpo docente y coordinación pedagógica (civiles), gestión y vicegestión (militares) - como diferencial de la enseñanza militar, a saber: la estructura de la escuela, las características de los alumnos, la jerarquía y la disciplina.

**Palabras clave:** Educación Militar; Rede Tiradentes; Metodologías Cualitativas; Sociología del Conocimiento; Escuela Militar.

\*Victor Mello da Silva

Recebido em: 17/12/2024

Aceito em: 22/08/2025

## 1. Introdução

A militarização do ensino público foi uma constante na década de 2010, mesmo antes da criação do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) de 2019<sup>1</sup>. Junto a isso, tem-se observado uma crescente produção bibliográfica a respeito, evidenciando, além do fato em si, uma crescente preocupação e interesse no assunto, somando-se a constatação que a maioria das unidades federativas estão optando por manter o programa ou até ampliá-lo<sup>2</sup>, mesmo após a decisão do Ministério da Educação (MEC) de encerramento do programa. Ademais, o Brasil ainda conta com outros modelos de ensino militar atuantes, como é o caso da Rede Tiradentes que é uma rede de escolas militares que atuam no Rio Grande do Sul e que não tem relação com as escolas cívico-militares<sup>3</sup>. No entanto, percebe-se, através de levantamento bibliográfico, que são poucas as produções que utilizam uma abordagem metodológica qualitativa<sup>4</sup>. Além do desafio teórico metodológico, isso ocorre sobretudo pela dificuldade de fazer pesquisa de campo em instituições militares. Ou seja, de modo geral, são poucos os estudos que vão até as escolas militares para pesquisar a perspectiva dos atores sociais envolvidos, fato que resulta num relativo distanciamento entre o objeto de pesquisa e o pesquisador. A partir de tal constatação, no presente artigo questiona-se quais as compreensões sobre a escola militar na perspectiva dos docentes, coordenação pedagógica e direção. Busca-se, em síntese, os sentidos atribuídos à existência desse espaço social.

Diferentemente das escolas das Forças Armadas que estão vinculadas ao Ministério da Defesa com a finalidade de formar indivíduos para atuar na carreira militar, a presente pesquisa é realizada em parceria com uma escola da Rede Tiradentes - administrada pela (BM-RS) em colaboração com a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) que se responsabiliza pelo corpo docente e coordenação pedagógica. A Rede Tiradentes tem como finalidade atender o público civil em idade regular para o Ensino Médio com o diferencial de seleção física e intelectual para o ingresso. A parceria firmada foi possível por meio de um compromisso ético entre a escola e o Grupo de Pesquisas: Dinâmicas Políticas, Estado e Movimentos Sociais (DIPeM-FURG), através do projeto: Ensino Militar em Perspectiva Sociológica<sup>5</sup>, no qual se estabeleceu de maneira clara o objetivo geral da pesquisa: *compreender porque os jovens junto ao seus familiares, e profissionais da educação, escolheram estudar/trabalhar na escola militar*. Com isso, foi possível aproximar-se do objeto de pesquisa e realizar o trabalho de campo, utilizando metodologias que geram dados qualitativos empíricos.

Diante da atualidade e relevância que se atribui ao tema da militarização da educação pública, formula-se então o seguinte problema de pesquisa: *como os indivíduos - civis e militares - envolvidos na construção cotidiana do ensino militar percebem e compreendem a realidade da escola militar?* Com isso, o presente texto é fruto de uma pesquisa na condição de bolsista junto ao projeto mencionado, na qual fixou-se o seguinte objetivo: *analisar a partir do estudo de caso na escola da Rede Tiradentes, como os indivíduos - civis e militares - envolvidos na construção cotidiana da escola compreendem a realidade do ensino militar*. A partir dessa compreensão, os objetivos específicos são: *analisar como eles diferenciam o ensino militar do civil e elaborar uma síntese descritiva dos valores e visões de mundo desses indivíduos de referência*.

No que tange a metodologia de pesquisa utilizada, empregou-se a pesquisa social reconstrutiva - derivada do sociólogo Ralf Bohnsack - na qual o roteiro foi orientado por perguntas amplas das quais os entrevistados responderam de modo pessoal, a partir de suas experiências de vida e atividades cotidianas<sup>6</sup>. Os sujeitos entrevistados fornecem a aproximação com a expressão fenomênica por estarem inseridos no meio social de referência. Assim, realizou-se durante o ano de 2022, entrevista narrativa com a coordenadora pedagógica (civil), com diretor e vice-diretor (militares). Posteriormente em 2023, entrevistas narrativas com doze professores do corpo docente (civis). E em 2024, entrevistas narrativas com a nova coordenação pedagógica e novo diretor. Totalizando dezessete entrevistas, todos estes aceitaram participar e assinaram um termo de concessão<sup>7</sup>. Ou seja, o projeto acompanha a escola há três anos nos quais foram entrevistados os profissionais da educação e da Brigada Militar que atuam como responsáveis pela escola. Neste período, a pesquisa foi conduzida pelo coordenador do DIPeM Ricardo Gonçalves Severo, e por bolsistas de iniciação científica dentre os quais o autor do presente texto atuou durante os anos de 2023 a 2025.

Concomitantemente a produção de dados desenvolveu-se a interpretação dos mes-

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre o processo de expansão da militarização de escolas públicas verificar a dissertação de Santos (2020) e o artigo de Pontes-Saraiva (2023).

<sup>2</sup> Segundo levantamento feito em 2023 pelo jornal Poder360/Drive, ao menos 19 unidades federativas optaram pela continuidade do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Na prática, essas unidades federativas estão desenvolvendo modelos de ensino militarizados que estão adotando características próprias e perdendo a identificação com o PECIM de 2019.

<sup>3</sup> Vale lembrar que o PECIM teve como base escolas militares piloto do Estado de Goiás. Ou seja, a Rede Tiradentes do Rio Grande do Sul, como modelo consolidado, também pode servir de exemplo para de políticas públicas educacionais que visam a militarização do ensino.

<sup>4</sup> Para mais informações consultar o resumo expandido do autor (Silva, 2023).

<sup>5</sup> O compromisso ético foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande (CEP-FURG) - número do parecer consubstanciado: 5.135.794.

<sup>6</sup> Vale lembrar, que os professores já atuaram no modelo civil, ou atuam concomitantemente em ambos os modelos, o que agrega aos agentes entrevistados maior capacidade analítica ao diferenciar os modelos de ensino.

mos. Ainda conforme as orientações de Bohnsack, a pesquisa qualitativa trabalha os dados de modo indutivo, sem hipóteses prévias, e para isso empregou-se a análise compreensiva em etapas. Primeiramente, a interpretação formulada constitui os procedimentos de transcrição, organização de blocos discutidos nas entrevistas, enumeração das linhas transcritas, que revelam o sentido imanente. Em segunda instância, empregou-se a interpretação refletida, na qual busca-se o padrão de orientação dos discursos destacando-se os focos narrativos de interesse para os objetivos da pesquisa. Em terceiro, a análise comparativa permite relacionar os materiais produzidos revelando o sistema de relevâncias inerente ao meio social de referência<sup>7</sup>. Por último, busca-se o conteúdo das entrevistas no contexto que orienta a ação dos sujeitos, trata-se do nível documentário de interpretação. Conforme Karl Mannheim, a interpretação em nível documentário implica a associação entre o conhecimento conjuntivo e as práticas no meio social de referência. Ao fim, a análise localizou quatro focos narrativos presentes na fala dos entrevistados e que serão desenvolvidos a seguir. São eles: a estrutura da escola, as características dos estudantes, a hierarquia e a disciplina.

<sup>7</sup> Para fins de critério ético e sigilo, todos os nomes dos entrevistados mencionados ao longo do texto são pseudônimos escolhidos aleatoriamente.

<sup>8</sup> O conceito de relevâncias utilizado é oriundo da teoria sociológica de Schutz (2012).

Quanto à perspectiva teórica, mobilizou-se como ferramentas explicativas a fenomenologia social desenvolvida pelo sociólogo austríaco Alfred Schutz, bem como a sociologia do conhecimento do sociólogo húngaro Karl Mannheim - que fornece um método para a compreensão de visões de mundo e experiências cotidianas denominado método documentário de interpretação. Além da noção de *habitus* entendido como um sistema de disposições duráveis que se manifestam nas práticas cotidianas, conforme formulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu.

## 2. Resultados e Discussão

### 2.1. Estrutura da escola

Primeiramente, o aspecto estrutural é algo que aparece na fala dos entrevistados como um diferencial do ensino militar em relação ao civil. Conforme o professor Lucas, vejamos:

Tu percebe se há alguma diferença das escolas civis para a escola Tiradentes? (Entrevistador).

Recursos, a diferença é recursos. (Lucas, docente do Colégio Tiradentes).

Recursos? (Entrevistador).

Eu dei aula lá, e dou aula aqui. Aqui eu tenho todos os recursos do mundo. Eu estou falando sério. Não é uma coisa, não sei o que os colegas vão falar, mas, pra mim, desde que entrei aqui, eu tenho todos os recursos. Aquilo lá, por exemplo, era o mic [microfone]. [...] Isso, por exemplo, era um recurso que eu tinha quando o aluno falava comigo em casa, que ficava metade na pandemia, metade na sala de aula e metade em casa. Aí ele entrava ao vivo "professor!", e aí saía lá na voz. Então, coisa que eu não tinha em outros lugares, recursos. (Lucas, docente do Colégio Tiradentes).

<sup>9</sup> Cabe mencionar que no Colégio Tiradentes pesquisado, são os próprios alunos que limpam as salas de aula. Essa atividade cotidiana é exercida pelo "aluno semana" e pelo

Tanto no sentido da limpeza e organização<sup>9</sup>, mas sobretudo no sentido de recursos que auxiliam para fins didáticos, tais como internet, projetor de imagem, xerox sem limitação de cópias, dentre outros, como pôde-se observar na fala acima. Ou seja, é interessante notar que o meio social de referência não se constitui em uma escola genérica, pois sua estrutura é diferenciada e materialmente superior<sup>10</sup>. A respeito disso, observemos a fala abaixo:

É mais questão, assim, por exemplo, assim, de infraestrutura. Por exemplo, assim, aqui apesar da gente não ter um laboratório equipado, a gente consegue, assim, fazer um reforço, porque daí a gente consegue um empenho até da própria administração aqui do Tiradentes, na compra de um equipamento, às vezes ah, eu chego, assim "ah eu quero fazer uma atividade assim com os alunos só que eu não tenho equipamento". Aí eles dizem assim "não professora tu pode fazer, então, uma pesquisa, um orçamento, passa o orçamento pra gente que conforme a possibilidade a gente compra". Então, assim, eles geralmente tu leva uma proposta aqui pra administração e eles estão sempre topando. (Eduarda,

<sup>10</sup> Durante as visitas à escola observou-se também que todas as salas de aula são climatizadas.

<sup>11</sup> Levando em conta os objetivos do presente texto, não é discutido o fato de que a Rede Tiradentes possui uma relação diferente com o Estado, uma vez que essas escolas são administradas pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS) e não pela Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUCRS). Entretanto, no limite, as condições de que dispõe as escolas estaduais não podem ser analisadas ignorando-se isso.

docente do Colégio Tiradentes).

Uhum. (Entrevistador).

Então, assim, é, eles fazem, assim, esforço, assim, e tal, assim, pro professor poder fazer atividade. Lá na outra escola já é diferente porque não existe, assim, essa verba que nem tem aqui na escola porque os pais pagam uma espécie de taxa e tal, né? Então, dessa verba eles conseguem fazer algumas compras. No Estado ali como é diretamente do Estado é mais complicado pra fazer qualquer compra de material essas coisas, assim, então é bem mais restrito pra fazer algumas atividades. (Eduarda, docente do Colégio Tiradentes).

Evidentemente, pensar o diferencial estrutural das escolas militares implica pensar a condição econômica de que dispõe essas escolas. Conforme a fala acima, as escolas da Rede Tiradentes contam com uma taxa paga pela família dos estudantes, o que explicaria o maior poder de compra utilizado para aquisição de recursos didáticos. Isso demonstra não só uma relação da escola com a família dos estudantes como indica também que há um diferencial socioeconômico para ingressar em um modelo de ensino que, apesar de pertencer ao Estado do Rio Grande do Sul, não é gratuito como o modelo civil<sup>11</sup>.

## 2.2 Perfil dos estudantes

A essa altura já fica evidente que os estudantes da escola são socialmente diferenciados, o que indica um marcador de classe, entretanto isto não aparece na compreensão dos entrevistados de modo unânime. Entretanto, os sujeitos de referência foram unânimes ao afirmarem que o ensino militar se diferencia, em grande medida, justamente pelo perfil dos estudantes que ingressam na escola. Vejamos que perfil é este:

Hum. Cristina, pode falar pra mim um pouquinho, se tu percebe que existem e se existem diferenças entre escola civil de modo geral e aqui a Escola Tiradentes? (Entrevistador).

Sim. Ahm... Bom, primeira coisa, assim, que eu percebo muito é... Bom, o interesse dos alunos, né? A maioria dos alunos que tá aqui faz prova, né? Pra entrar. Então, eles me demonstram um certo interesse de realmente estudar, ahm... (Cristina, docente do Colégio Tiradentes).

Uhum. (Entrevistador).

Focar nos estudos. Então, assim, o nível de interesse assim dos alunos daqui é muito, ahm, a diferença chega a ser discrepante, assim. (Cristina, docente do Colégio Tiradentes).

Como demonstra a fala da professora, em seu entendimento há uma diferença discrepante entre os alunos do modelo civil e do militar. Em primeira análise, é importante salientar que o ingresso na escola se dá por meio de processo seletivo. Ou seja, infere-se que antes mesmo da inserção do estudante no meio social, já há um recorte prévio de estudantes. Este processo seletivo estabelece um recorte intelectual e também de origem familiar, como demonstra a seguinte fala:

[...] Eu penso também que os alunos que vêm pra cá são alunos que, grande parte, eles gostam de estudar, né? Eles querem, né? Ser cobrados, querem um ensino de qualidade, assim, que a gente percebe, né? Deles. Então, uma que eles também fazem uma prova de acesso, né? Isso já seleciona um pouco os alunos. Embora, como tem uma porcentagem grande de vagas, acho que é 60% se não me engano, das vagas que é destinado aos filhos de militar, né? Dos brigadas<sup>12</sup>. Então, acaba que entram muitos alunos, assim, que tiveram uma pontuação menor, né? Então, são alunos também, assim, mais fracos, que têm mais dificuldade. Então, uma das coisas, assim, que eu percebo de dificuldade nas turmas é justamente isso, essa disparidade, assim, alunos que são muito bons, que pegam com a maior facilidade "vão bora", e alunos bem fracos, assim, com dificuldades, né? (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

<sup>12</sup> A professora utiliza o termo "brigadas" para se referir aos policiais militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS).

Conforme indica a fala acima, devido a alta reserva de vagas para dependentes de militares, estes não demonstram diferencial intelectual. Ou seja, estes constituem uma exceção, uma vez que podem ingressar na escola de modo facilitado<sup>13 14</sup>. Sendo assim, a professora observa que há estudantes mais rápidos na aprendizagem e aqueles que demonstram dificuldades.

Naturalmente, a destinação de vagas para os dependentes de militares inclui desde os militares de baixa até as altas patentes. Por outro lado, os filhos de civis precisam ingressar disputando com ampla concorrência, o que torna o acesso muito mais difícil. Com isso, essa alta disputa por vaga na escola contribui para formar recorte socioeconômico mais abastado, formado por estudantes que, muitas vezes, são oriundos do ensino privado<sup>15</sup>. Portanto, o perfil dos estudantes nesse modelo de ensino é amplamente influenciado, primeiramente pela destinação de vagas, e em segundo pela alta concorrência na disputa de vagas<sup>16</sup>. Nesse sentido, observemos a seguinte fala:

É, assim, é muito difícil o ingresso na escola porque eles têm que passar por um concurso. Então o aluno pra conseguir, esse ano passado foi 17 por vaga, então o aluno além de ele já se preparar durante o Fundamental 2, pra vir aqui, pra estudar aqui, ele ainda precisa uma preparação extra, fazer um cursinho, alguma coisa. Então, o aluno ele não cai aqui por acaso. É uma coisa muito estudada com as famílias e com o aluno, porque o aluno também, ele tem que querer estar aqui. (Rosane, Coordenadora pedagógica do Colégio Tiradentes).

Dito isso, infere-se que o perfil de estudante ingressa nesse modelo de ensino já é previamente selecionado. Além disso, são estudantes que, de modo geral, tem uma perspectiva futura de acesso ao Ensino Superior ou aprovação em concursos militares, o que contribui ainda mais para formação de um tipo homogêneo de estudantes:

Tem, tem bastante diferença [em relação ao modelo civil], assim, no sentido de que aqui os alunos parece que já são mais projetados, né? Pra os estudos. Eles compreendem melhor, assim, a importância, né? De um melhor aproveitamento pra a entrada na universidade. A gente vê que, apesar de ser uma escola pública, a gente nota que muitos deles já vêm do ensino privado, né? E aí, a gente vê que eles já vêm com aquela ideia do foco de passar no vestibular, de passar no ENEM, de passar no PAVE. Então, parece que já vem "setado", assim, da escola particular e depois da família, que conta muito, né? Então, eles já vêm pra cá com esse foco. No caso, eles dão mais atenção, então, pros estudos, né? (Bianca, docente do Colégio Tiradentes).

Essa confluência de fatores determina o perfil dos estudantes, mas é um processo que se completa quando o estudante é introduzido ao meio social da escola militar. Trata-se de um processo de adaptação e constituição do sujeito a partir da prática cotidiana que o tornam um estudante militar<sup>17 18</sup>. Ou seja, o estudante militar é duplamente constituído, tanto antes como depois de ingressar na escola:

Tem o envolvimento da família sim, porque eles já vem conhecer a escola quando eles estão no Fundamental 2, às vezes eles estão no sexto ano, eles já vem conhecer a escola, já vem trazer o filho aqui pra ver como é que é, como é que funciona tudo. A disciplina, claro que as famílias contribuem, né? Mas a disciplina militar, os ritos militares, eles vão aprendendo aqui dentro. Então, todo dia o aluno chega aqui ele tem uma formatura primeiro, uma formatura militar. Que que é essa formatura militar? O aluno entra em forma. E aí tem toda uma conversa com o efetivo militar antes de começar as aulas. [...] E o aluno, por isso que eu disse que o aluno tem que querer estar aqui. Porque se ele, na semana de adaptação, ele acha que essa escola, esse modelo, esse formato, ele não se sente bem, ele tá livre para se transferir para outra escola como acontece todos os anos. O aluno entra e vê que não é o perfil dele, aí ele pede, a família pede e transfere. Sem problema nenhum. (Rosane, Coordenadora Pedagógica do Colégio Tiradentes).

Então, ao ingressar na escola, tornar-se estudante militar é um processo prático do qual nem todos se adaptam. É mais do que uma origem familiar militar, um diferencial socioeconômico ou a busca por aprovação no Ensino Superior e concursos militares. Conforme a compreensão dos entrevistados, é um processo que se completa com a inserção a um espaço

<sup>13</sup> Interessante notar a contradição entre a perspectiva meritocrática presente na visão de mundo militarista, e o fato de que muitos estudantes só são aprovados no processo seletivo por conta da destinação de vagas.

<sup>14</sup> No caso dos filhos de militares, tratam-se de estudantes que já tomam contato com a visão de mundo militarista no ambiente familiar, ao ingressar na escola militar passam a conviver integralmente e compartilhar dessa visão de mundo com outros jovens.

<sup>15</sup> Além do próprio processo seletivo, o regime integral implementado na escola também impossibilita o acesso a estudantes de Ensino Médio que necessitam trabalhar no turno inverso.

<sup>16</sup> Quanto a possibilidade de um estudante de inclusão passar no processo seletivo e ingressar nesse modelo de ensino militar, esta é uma problemática que merece uma investigação à parte. Vale lembrar que o processo seletivo inclui prova física, o que pode inviabilizar o acesso a pessoas com deficiência física.

<sup>17</sup> Consultar o artigo de Severo para mais detalhes sobre o processo de tornar-se estudante militar (2023).

<sup>18</sup> Vale mencionar que os estudantes que ingressam no Tiradentes, começam as aulas uma semana antes dos demais. Essa semana de adaptação à escola é chamada pelos militares de "semana zero".

dotado de um modelo de socialização específico orientado por valores como a hierarquia e a disciplina que veremos a seguir.

### 2.3 Hierarquia

<sup>19</sup> Lembrando que nas escolas Tiradentes os militares ocupam os lugares de liderança. Ou seja, o corpo diretivo é militar enquanto o corpo docente e coordenação pedagógica é civil.

Adiante, tendo já identificado a estrutura escolar e o perfil de estudantes que compõem esse meio social, devemos compreender como os sujeitos interagem nesse espaço. E nesse sentido, é fundamental compreender que a sociabilidade na escola militar perpassa pela noção de hierarquia. Diferentemente das escolas das Forças Armadas, que são voltadas para a formação de militares, as escolas da Rede Tiradentes foram criadas originalmente para atender os filhos de militares e posteriormente abriram-se para o atendimento à comunidade civil. Em primeira análise, portanto, aparece a hierarquia entre militares e civis<sup>19</sup>:

Eu noto que eles têm mais respeito pelos militares, isso não sei qual é o motivo. Não é por ser pela coerção, porque se eu quiser eu também posso, né? Comunicar. Tem as tais comunicações internas que elas podem ali prejudicar a classificação deles em termos disciplinares. (Anderson, docente do Colégio Tiradentes).

Entretanto, além da divisão hierárquica entre civis e militares, percebe-se que o ensino militar produz relações hierárquicas entre os próprios estudantes:

[...] outra coisa que eles [militares] têm, é a classificação dos alunos por média, né? Então, soma as notas de todas as disciplinas, faz a média aritmética, o aluno, daí tem o aluno primeiro colocado, que é o 01, 02, 03. (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

Hum. (Entrevistador).

A classificação. E é isso que eles chamam de antiguidade, né? Então, aí os primeiros colocados, eles fazem parte dos "do comando". Então, é bem interessante, assim, essa coisa deles terem funções, né? De comando, né? Da questão da hierarquia, né? Então, quem está na função de comando, os demais têm que respeitar aquela função de comando dele. Que aí, quando o outro tiver na função de comando, ele também, né? Vai saber como é que funciona comandar, né? (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

Como explica a fala da professora, a classificação por nota gera uma lista da qual os estudantes melhor classificados ocuparão posições hierárquicas de comando. Então, as interações entre os sujeitos são diferenciadas conforme a relação hierárquica que se estabelece.

Assim, a hierarquia é exercitada cotidianamente através das posições de liderança, como auxiliar os professores na aplicação da disciplina e manter a ordem na escola. No entanto, essas relações hierárquicas são fundamentadas pelo mérito do estudante. Portanto, como demonstra a fala abaixo, a adoção de valores baseados na hierarquia revela um aspecto norteador da visão de mundo militarista: a meritocracia.

A comunicação, que tu se refere, é quando os professores comunicam pra quem? Pros militares? (Entrevistador).

É. Aí funciona assim, a gente tem uma folha que chama comunicação interna. Aí a gente preenche o nome do aluno, qual é o fato, o que o aluno fez, né? Então, por exemplo, eu tenho um sistema, quando o aluno tira acima de 9 ou 8, na média do trimestre, eu dou um elogio, pelo bom rendimento do aluno. Então, aí aquilo ali gera uma pontuação pra ele na nota disciplinar dele, né? (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

Hum. (Entrevistador).

Então, incentiva ele a querer buscar também uma nota boa, porque ele quer receber o elogio, né? Então, aqueles bons alunos eles dizem "não eu quero", né? Às vezes eles fazem a recuperação, antigamente, hoje não tanto, mas antigamente os alunos tiravam 9 ou 8, ele fazia a recuperação, porque ele queria tirar o 10, né? Tanto pra receber o elogio, né? Do professor e também, o tenente

também elogia os alunos que saem bem, né? Assim, passam bem em todas as matérias. E também, porque daí, se eles têm nota 10, disciplinar, em média acima de 9, eles também recebem o alamar. Então, é um mérito que os alunos gostam, assim, eles buscam, assim, querer tirar notas boas pra ganhar o tal do alamar. (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

Nesse sentido, o mérito é estabelecido pelo coeficiente disciplinar, denominado “nota disciplinar”. Assim, em sentido imanente a hierarquia aparece enquanto expressão fenomênica através das relações de poder, em nível documentário de interpretação a hierarquia deve ser compreendida à luz da meritocracia. Ou seja, as relações de poder são uma expressão prática da visão de mundo comum àquele meio social.

Com isso, o ensino militar cria um espaço competitivo, onde o alto rendimento e o comportamento disciplinado definem o mérito do estudante, e através desse mérito ocupam-se posições de comando. Além disso, a meritocracia é endossada formalmente por meio de cerimônias condecorativas de entrega de alamares, nesse caso, os estudantes podem ser condecorados com alamar de honra, mérito intelectual, e disciplina. Na prática, os alamares são símbolos que podem ser portados cotidianamente e denotam mérito, gerando uma diferenciação visual.

Portanto, a meritocracia é um valor norteador da visão de mundo militarista que aparece na prática através das relações hierárquicas entre civis e militares, e entre estudantes. A hierarquia, por sua vez, é um modo de ser e existir no meio social de referência exercitado cotidianamente pelo ato de comandar e ser comandado. Além disso, é aprofundada por cerimônias oficiais de entrega de alamares.

## 2.4 Disciplina

Doravante, já localizamos o local, o estudante, e o caráter hierárquico das relações entre sujeitos na escola militar. Com essa exposição prévia podemos avançar para a categoria da disciplina, que representa um grande foco narrativo presente na fala dos entrevistados. Conforme os entrevistados, a disciplina é um grande diferencial do ensino militar em relação ao civil, pois é uma característica militar que é ensinada aos estudantes. Comece-me pela seguinte fala:

Qual tu diria que é a principal característica do Tiradentes nessa experiência que tu acumulou de lá para cá? (Entrevistador).

É... Eu acho que, assim, é um conjunto, né? Em primeiro lugar, assim, eu acho que os alunos em si, mas é um conjunto da escola, né? Tem a questão da disciplina, mas assim, quando tu entra na sala de aula, eles respeitam muito a farda, né? Se chegar um militar de farda na porta, eles já ficam todos, né? Comportadinhos. Porque eles ficam com medo e tal, tem a comunicação, né? Então, se o aluno faz alguma coisa, ele pode ser comunicado. E a comunicação pode gerar alguma punição, assim, pode decrescer nota, né? Quando os alunos entram na escola, eles entram com sete pontos, nota disciplinar sete. Aí, eles podem ganhar elogio, a cada elogio, eles vão acrescentando pontos nessa nota, que eles podem chegar até dez. E, se eles recebem alguma punição, ah não entregou um trabalho no prazo. Aí, o tenente, que é quem vê ali onde se enquadra né, aquela comunicação do aluno, vê se vai receber só uma advertência verbal, se ele vai receber alguma outra, um decréscimo de nota. Então, dependendo do que o aluno faz, ele ou decresce nota, ou ele só recebe uma advertência verbal, ou ele só tem que vir na sexta à tarde fazer alguma coisa na escola, né? O que eles chamam da TRD [Trabalhos de Recuperação Disciplinar]. E, então, essa coisa da comunicação os alunos, né? Aqueles que querem, né? Receber elogios, eles acabam querendo ter um comportamento bom. E eles não querem, né? Ter a comunicação. Mas aí, então, acho que seria um conjunto, assim, né? A escola auxilia no sentido da disciplina, de tu poder chegar na sala de aula e ter os alunos ali dispostos, né? (Adriana, docente do Colégio Tiradentes).

Ou seja, os militares empregam na escola um sistema denominado corpo de alunos

(CAL), que serve tanto para exercer a coercitividade por meio de punições bem como a congratulação por meio de elogios, por meio desse aparato disciplinar estabelece-se uma pontuação chamada de nota disciplinar. Conforme a professora, esse controle do comportamento é responsabilidade dos militares, que proporcionam a aplicação da disciplina que auxilia no ensino, que por sua vez é responsabilidade dos professores:

A disciplina, claro que as famílias contribuem né, mas a disciplina militar, os ritos militares, eles vão aprendendo aqui dentro. Então, todo dia o aluno chega aqui ele tem uma formatura primeiro, uma formatura militar. Que que é essa formatura militar? O aluno entra em forma. E aí tem toda uma conversa com o efetivo militar antes de começar as aulas. [...] Eles aprendem a marchar; eles aprendem os ritos militares de cumprimento. Por exemplo, eles tem que chamar os professores de senhor ou senhora, nunca pode chamar somente pelo nome, ou professora X ou professor Y; para os militares eles têm que prestar continência. (Rosane, Coordenadora Pedagógica do Colégio Tiradentes).

<sup>20</sup> Para mais detalhes acerca da noção de *habitus* (italico) consultar a obra de Bourdieu (2002).

É importante notar que, embora se reconheça o papel da família, a disciplina é compreendida como uma construção prática da escola militar. Nesse sentido, a disciplina aparece como formas de se vestir, regras de conduta e ritos militares que contribuem para a formação de um sistema de disposições duráveis que se manifestam nas práticas cotidianas<sup>20</sup>. Sobre isso, vale destacar a fala de Renato Ortiz a respeito da noção de *habitus*:

O *habitus* se apresenta, pois, como social e individual: refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual; o processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. A relativa homogeneidade dos *habitus* subjetivos (de classe, de grupo) encontra-se assegurada na medida em que os indivíduos internalizam as representações objetivas segundo as posições sociais de que efetivamente desfrutam. A análise de Bourdieu tende, assim, a enfatizar a importância de se estudar o modo de estruturação do *habitus* através das instituições de socialização dos agentes.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> ORTIZ, Renato (org). Pierre Bourdieu: sociologia. 1. ed. São Paulo: Ática, 1983, p. 17-18.

<sup>22</sup> Esse processo subjetivo se desenvolve psicologicamente de múltiplas formas, tais como o medo das penalizações, sentimento de não pertencimento ao meio social, desejo de reconhecimento e assim por diante.

Objetivamente falando, o *habitus* da escola militar forma um grupo de estudantes que aprendem a se comportar no meio social. No entanto, a nível individual cada estudante deverá internalizar a objetividade, processo que possui um caráter subjetivo que não pode ser explicado sociologicamente<sup>22</sup>.

A escola militar, compreendida como instituição de socialização, conduz os agentes de referência para a estruturação do *habitus*. Este se consolida fortemente nesse meio, uma vez que há um perfil de estudantes previamente estabelecido, que interagem de modo formalizado conforme condutas e normas militares em uma trama de relações hierárquicas de poder e submetidos ao aparato disciplinar. Essa confluência de fatores potencializa a estruturação do *habitus*.

<sup>23</sup> Formatura é o termo utilizado pelos militares para denominar o momento no qual os estudantes se organizam em forma de colunas. Essa prática cotidiana dura entre 20 e 30 minutos, esse período é utilizado para que os militares possam verificar a padronização dos estudantes, ensinar os valores militares e tratar de assuntos diversos.

A aplicação da disciplina é feita pelos militares por meio das formaturas<sup>23</sup> e também através do controle do comportamento coletivo. Os militares compreendem que podem fazer essa função de modo mais eficiente do que civis:

Qual, no seu entendimento, é o diferencial positivo que os militares têm de capacidade de construir a ordem em detrimento dos civis? É essa disciplina que o senhor falou? (Entrevistador).

Eu acredito muito nisso, assim, o militar como um todo, ele é formado, e ele, ele, ele é ensinado o absoluto respeito, né? À hierarquia, à disciplina, à ordem, ele recebe um ambiente organizado. Então, esses valores ele acaba levando pra si e passa a cultuá-lo. Então, a pessoa que já tem esse culto a essa, a esses valores pode replicá-los com uma qualidade muito maior, né? Então, isso para mim é daqui a pouco o próprio diferencial do militar. (Roger, Diretor do Colégio Tiradentes).

A disciplina é apresentada aos estudantes como valor ideal a ser seguido, e uma vez internalizado esse ideal se manifesta como algo prático, como um *habitus*. Diante disso,

Weller (2005), afirma que as práticas cotidianas revelam a visão de mundo, sendo esta de caráter coletivo e inerente ao meio social. Portanto, assim como a meritocracia que aparece principalmente por meio das relações hierárquicas, a disciplina aparece através da consolidação do *habitus*. Portanto, a disciplina também é um valor norteador da visão de mundo militarista, que pode ser denominada como *militarismo*<sup>24</sup>.

O *militarismo*, enquanto visão de mundo, se fortalece com a consolidação do *habitus* formando o que Mannheim denominou de conhecimento conjuntivo, o que se torna mais evidente em uma instituição militar dado o caráter formalizado das interações sociais cotidianas. Interessante notar que a visão de mundo é ao mesmo tempo determinada e determinante das ações práticas, nessa relação de mútua determinação a disciplina e a hierarquia aparecem tanto como valores norteadores da visão de mundo e como expressão fenomênica prática. Ou seja, o *militarismo* deve ser compreendido como causa e efeito das práticas disciplinares e hierárquicas.

No ensino militar há uma divisão entre o trabalho docente dos professores, e o trabalho de aplicação e monitoração da disciplina por parte dos militares. Essa divisão é compreendida pelos entrevistados de modo geral, como uma cooperação produtiva:

Enfim, eu acho que, que nos respalda muito pras atitudes que são tomadas, assim, por exemplo, os alunos a partir das punições, ou enfim, das chamadas comunicações, eles acabam respeitando mais as normas, né? Às vezes as normas acabam também sendo ruins, assim, no sentido do professor. Às vezes a gente se sente muito fechado nessas normas, sabe? A gente não consegue ampliar muito aquilo que a gente, a nossa autonomia dentro da sala de aula, a verdade é essa, assim, a gente não é muito autônomo dentro da sala de aula com essas normativas todas. (Bianca, docente do Colégio Tiradentes).

Ah, entendi. (Entrevistador).

A gente fica um pouco engessado. [...] A gente acaba perdendo muito tempo, né? As nossas aulas já são tão curtas, isso é algo que toma muito tempo, né? Toda troca de período, ter uma apresentação diferente, isso acaba dificultando um pouco o trabalho. (Bianca, docente do Colégio Tiradentes).

Ou seja, o trabalho dos militares auxilia no respeito pelas normas por parte dos alunos. Por outro lado, esse modelo de ensino pode diminuir a autonomia do professor, além de que os ritos militares cotidianos demandam tempo de sala de aula.

### 3. Considerações finais

A presente pesquisa só foi possível via parceria com uma escola militar, o desafio da pesquisa social empírica em instituições militares consiste precisamente na dificuldade dos pesquisadores se aproximarem desses espaços. Nesse sentido, a pesquisa se justifica na medida em que o ensino militar é um objeto que carece de pesquisas qualitativas no Brasil. Diante de tal problemática, a presente pesquisa possui recorte fenomenológico e utiliza dados qualitativos a partir dos quais elaborou-se uma exposição de caráter descritivo. Assim, objetiva-se a superação da problemática oferecendo uma contribuição aos pesquisadores brasileiros da área da Educação.

No plano teórico, a sociologia do conhecimento mannheimiana, oferece um poderoso método de análise das visões de mundo que possibilita formular teoricamente o conhecimento conjuntivo que possui caráter ateórico. Esse conhecimento é construído a partir das ações práticas formando o que Mannheim chamou de visão de mundo. Conforme Weller:

Nesse sentido, a compreensão das visões de mundo e das orientações coletivas de um grupo só é possível através da explicação e da conceituação teórica desse conhecimento ateórico. O grupo envolvido geralmente não está em condições de realizar essa tarefa, ou seja; a explicação teórica do conhecimento ateórico é praticamente impossível para o indivíduo ou grupo vinculado ao contexto em que se construiu esse saber. O papel do(a) pesquisador(a) passa a ser, então, encontrar uma forma de acesso ao conhecimento implícito do grupo pesquisado,

<sup>24</sup> Lembrando que esses valores são potencializados pela alta carga horária da escola com regime integral ao longo de três anos, além da participação

<sup>25</sup> WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, [S. l.], v. 7, n.º 13, 2005, p. 262.

explicitá-lo e defini-lo teoricamente.<sup>25</sup>

Então, no que tange ao papel do pesquisador, a presente pesquisa avança na medida em que teoriza e explica a visão de mundo militarista através de categorias como disciplina, hierarquia e meritocracia, assim desvelando teoricamente o conhecimento implícito. Assim, avançando também em relação aos objetivos da pesquisa mencionados.

A interpretação em nível documentário pressupõe a análise da visão de mundo que está intrinsecamente associada às experiências cotidianas. Para tanto, a perspectiva fenomenológica, de caráter compreensiva, visando uma síntese descritiva da visão de mundo que orienta a escola militar a partir da análise das entrevistas demonstrou-se uma abordagem científica bastante frutífera para a análise do ensino militar. Soma-se a isso a utilização da teoria sociológica mannheimiana, e bourdieusiana, fundamentais para a interpretação dos dados qualitativos coletados associando o pensamento ao seu contexto local de produção. Ou seja, associar o conhecimento conjuntivo (militarismo) ao meio social (escola militar) no qual os sujeitos possuem um modelo próprio de sociabilidade.

A compreensão do ensino militar enquanto objeto de pesquisa, perpassa pela análise da visão de mundo militarista, e as suas expressões práticas correspondentes. No entanto, para além disso, a presente pesquisa leva em conta fatores determinantes tais como a estrutura que é compreendida pelos entrevistados como materialmente superior em relação às escolas civis. Isto ocorre em razão da tutela da Brigada Militar, e também através de um valor financiado pela família dos estudantes. Com isso, pressupõe-se um marcador socioeconômico no perfil de estudantes de escola militar. Além disso, foi analisado como o processo seletivo aparece na fala dos entrevistados enquanto fator determinante no diferencial das escolas militares. Neste processo, os estudantes são selecionados intelectualmente, fisicamente, e sobretudo pela origem familiar, visto que há uma destinação de vagas para dependentes de militares.

Portanto, com esta análise de caráter sociológico acredita-se que o texto possa contribuir no âmbito da pesquisa educacional para o entendimento das motivações da adesão de parte da sociedade a este modelo militar de educação, em especial no que diz respeito a estrutura da escola, estudantes, hierarquia e disciplina, levando-se em consideração que o modelo analisado é distinto do PECIM.

## Notas

\*Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: victormello4000@gmail.com.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa social reconstrutiva**. Petrópolis: Vozes, 2020.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1983.

PODER360/Drive. **Escolas cívico-militares vão continuar em ao menos 19 UFs**. 14 de julho. 2023.

PONTES-SARAIVA, Ana. Militarização e desmilitarização das escolas públicas brasileiras: contradições e resistências. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.15, n.2, p.201-226, ago. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/54758/29939>>. Acesso em: 17 de dezembro. 2024.

SANTOS, Eduardo Junio Ferreira. **Militarização das Escolas Públicas no Brasil: Expansão, Significados e Tendências**. Orientadora: Miriam Fábila Alves. 2020. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEVERO, Ricardo. Sociologia do conhecimento e o método documentário: instrumento qualitativo para análise sociológica. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.48, n. 1, p.304-317, jan./jul., 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/18891/29621>>. Acesso em: 17 de dezembro. 2024.

SEVERO, Ricardo. Tornar-se estudante militar: compreensões do corpo diretivo e administrativo da Escola Tiradentes/RS. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 17, n. 37, p. 205-223, jan./abr. 2023. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>>. Acesso em: 17 de dezembro. 2024.

SILVA, Victor. Perspectivas Atuais sobre o Ensino Militar. In: **22ª Mostra da Produção Universitária - MPU**, Rio Grande. Anais do Congresso de Iniciação Científica, 2023. Disponível em: <<https://mpu.furg.br/30-mpu-2023/238-1-19anais-mpu-2023-congresso-de-iniciacao-cientifica-cic>>. Acesso em: 17 de dezembro. 2024.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, [S. l.], v. 7, n.º 13, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5512>>. Acesso em: 17 de dezembro. 2024.